

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 Junho 2010

Texto de referência: «Pode um homem nascer de novo quando é velho?», Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação (Rimini 2010), Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2010.

- Canto “Luntane, cchiù luntane”
- Canto “Ojos de cielo”

Gostaria de vos ouvir dizer o que pensaram ao escutar esta música: quem tem estes «olhos de céu» capazes de eliminar o inferno da vida? Uma pessoa que descobre estes olhos pode pedir: «Não me abandones», posso entrar em qualquer inferno com estes olhos, com Ele nos olhos, até ao fim, na escuridão, e ali, devido a esta certeza, gritar: «Não me abandones em pleno vôo». Da última vez tinha começado a Escola de Comunidade dizendo isto – e repito-o porque me impressionou voltar a lê-lo; depois, na maneira como decorreu a Escola de Comunidade, fizemos realmente um esforço –: a Escola de Comunidade é uma hipótese de trabalho – ensinou-nos sempre D. Giussani – para entrarmos no real, e todos somos chamados a verificá-la na nossa experiência. Por isso não vimos aqui para fazer comentários; vimos para contar, para documentar uma experiência, já que poucos acreditam que viver o real com esta hipótese seja realmente uma outra coisa, nem sequer nós próprios acreditamos; é inútil fazer comentários, porque não nos mudam verdadeiramente a cabeça, a mentalidade, é preciso – só que nós não lhe damos crédito, como ouvimos – documentar, testemunhar que entrar no real de acordo com o que dissemos uns aos outros pode fazer respirar, uma pessoa pode entrar no inferno de qualquer situação, mesmo que dramática. Temos diante de nós o início da primeira lição dos Exercícios, «A provocação do real», que descreve o que acontece quando eu me deixo provocar pelo real e que coisa significa que a realidade vivida como sinal é uma outra coisa. Se não tiverem testemunhos sobre isto, podem ficar sentados tranquilamente. Escreveu-me uma pessoa: «Da última vez pareceu-me que tu estavas “intensamente” interessado em que nós compreendêssemos o trabalho que devemos fazer. Agradeço-te por isso, porque percebo que essa é a única esperança, de outro modo a realidade sufoca-nos [a realidade torna-se um inferno], a realidade fechada em si própria, na sua imagem exterior, sufoca-nos; de que serve até a beleza da minha mulher, de um pôr do sol, de um encontro, de uma coisa que consigo fazer no trabalho, se a hipótese com que olho é que tudo isso desapareça e não exista um apoio que o sustente? [Diante da dificuldade é isto que te provoca a olhar mais além.] Por vezes basta ler um passo da Escola de Comunidade para que mude tudo [deixar entrar uma migalha!], muda-me a mim e portanto muda tudo. Como sou de compreensão lenta, queria pedir um aprofundamento». Já na última vez tínhamos ouvido o que tinha contado um nosso amigo: como tinha mudado, ao fazer limpezas, a partir do primeiro dia em que tinha deixado entrar esta hipótese. Esta é a verificação que nós devemos fazer, porque de outro modo, como dizíamos no fim da Escola de Comunidade, não daremos crédito ao que nos dizemos. De que forma se nota isto? Não é que punhamos em causa aquilo que dizemos ou o que está no livrinho dos Exercícios ou da Escola de Comunidade; simplesmente não os tomamos em consideração no modo como enfrentamos o real. A fractura entre o saber e o crer está aqui; não é um saber de tal modo meu que eu não possa entrar no real sem ele. Por isso quero que intervenha o nosso amigo para

explicar aquilo que me disse antes; é um exemplo que pode ajudar a explicar e a perceber o trabalho a fazer.

Alguns dias atrás, no trabalho, tive de montar uma porta. Já tinha feito isso várias vezes, desta vez a porta era um bocado particular. Chego lá, desembulho-a e vejo que, como habitualmente, está lá dentro o papelinho das instruções. Agarrei nele, pu-lo de lado e pensei: «Eu sei fazer isto», e comecei a montá-la. No final fiquei com algumas peças na mão, que tinham sobrado, e disse para comigo: «Há qualquer coisa que não funciona»; não, disse depois, «Bestial, montei na mesma a porta, isto é que estava a mais»; o papelinho existe sempre; depois pode acontecer que uma das dobradiças não funcione bem, e digo: «Típico defeito de fábrica» e pronto. Isto era só um exemplo para dizer-te como é que eu sou.

Isto é um exemplo do que fazemos com a Escola de Comunidade. Fazemos comentários e reflexões sobre as instruções, mas continuamos a entrar na realidade (a relacionar-nos com o objecto) segundo a nossa imaginação, a nossa inteligência, os nossos dotes, tudo o que queiram, tudo o que aprendemos. É o dualismo da perfeição. De que serve fazer comentários? A certa altura, fartamo-nos de fazer comentários, porque continuamos a não entrar no real, a não viver bem as coisas. O que é que, pelo contrário, fazemos diante de um aparelho? Quando não conseguimos pô-lo a funcionar, vamos às instruções que deixámos de lado e começamos a levá-las a sério como hipótese de trabalho para o pôr a funcionar e não para fazer reflexões sobre as instruções para uso. Do mesmo modo, na vida é amigo quem te oferece alguma coisa para entrar na realidade. Quando uma pessoa não consegue, volta atrás para ver qual o pequeno passo que deve tomar para que o aparelho não bloqueie novamente, e avança-se assim. É uma hipótese de trabalho para entrar no real, para ver que a vida funciona. Por isso gosto tanto da expressão de Giussani. Porque é que ele fala de hipótese de trabalho? Porque aquilo que uma pessoa adquiriu ao longo da vida – e é certo que foi adquirido –, oferece-o a outra pessoa como amigo: «Olha que fazendo assim a vida funciona, podes estar diante de qualquer situação que seja, em qualquer circunstância, por mais difícil que seja». Uma pessoa que faz assim é verdadeiramente um amigo, porque nos oferece toda a experiência que viveu.

Em que consiste a Escola de Comunidade? Na experiência que D. Giussani viveu, comunicada a nós; mas não pode tornar-se nossa se a usarmos segundo uma modalidade que não seja aquela para que nos foi dada. Ele chama-lhe hipótese de trabalho precisamente para que possamos verificar que vivendo assim a vida esclarece-se, a vida começa a ser interessante. Por isso, se cada um reage segundo a mentalidade que tem e não leva isso a sério, é inútil; a certa altura já não acontece mais nada aqui. E como é que haveria de acontecer, se não a levámos verdadeiramente em consideração ao entrar no real? Perante a criança que chora porque o brinquedo não funciona, ou o aparelho não funciona, o que é que lhe dizemos? Reza? A primeira oração é levar a sério as instruções, o primeiro reconhecimento da necessidade que temos é não ser presunçosos e procurar entrar no real tendo ao lado uma presença a quem posso perguntar. Por isso é decisivo, no final deste ano e com os meses que agora temos por diante, ganhar uma clareza sobre o modo de estar no real. É aquilo que me escreve uma Pessoa a propósito da última escola de comunidade: «A última escola de comunidade foi para mim uma experiência muito intensa, vivi os dias seguintes tendo sempre diante a tua chamada de atenção: “A escola de comunidade é uma hipótese para entrar no real”. Queria contar aquilo que aconteceu. No meu trabalho aconteceu um facto muito desagradável, tive um problema com uma colega, não é fácil, é uma pessoa irritante, incómoda e que tenta manter uma certa distância. Divido uma

série de tarefas com esta pessoa, não a posso evitar. Assim, muitas vezes tentei amparar os golpes mais pesados [uma pessoa tenta gerir a situação]. A minha reacção a este último episódio foi de um grande fastio e ressentimento instintivo, começaram a vir-me à cabeça hipóteses do género: vou fechar-me no quarto e, assim, tento também eu limitar o contacto. Começo a disparar hipóteses: não posso mais, peço ao director para não dividir mais nada com esta pessoa. Mas a tua chamada de atenção na primeira lição (“abrindo os olhos para a realidade, tenho diante qualquer coisa que provoca uma abertura [...] o real solicita-me a procurar qualquer coisa de outro para além daquilo que imediatamente me surge”), e depois a observação de María Zambrano (“O homem não se dirige à realidade para a conhecer melhor ou pior, a não ser depois de a ter percebido como uma promessa”) provocaram-me a estar diante destas coisas. Em que posição é que eu estava? Presa numa concepção reduzida da realidade, na aparência e no meu eu reduzido a uma série de reacções, estava eu a decidir o que era sinal e o que não era [o que é que tem dentro uma promessa e o que não tem: nós vivemos a realidade como todos, decidimos, paralisamo-la na aparência, decidimos o que é que é sinal]. Este facto [este é o sinal que qualquer coisa não está bem] fazia-me mal [as sentinelas, graças a Deus, ainda funcionam]. A acção imediatamente seguinte a tal opção de fundo - porque a mim parece-me que esta é uma opção que descubro ao ver-me agir – dei-me conta que é uma barreira na estrada entre mim e a realidade, estava a optar avançar com os olhos tapados pelas mãos em relação à realidade (limito os contactos e peço para não ter nada que ver com aquela pessoa), mas mais uma vez a tua chamada de atenção (“Tenho diante qualquer coisa que realiza uma provocação de abertura”) magoava-me, experimentei dar-lhe espaço, a deixá-lo entrar, a aguçar o meu olhar. Dei-me conta que o primeiro esquecimento, a primeira distorção estava a acontecer em mim mesma, porque não é verdade que tenha deixado de desejar uma relação de colaboração, de solidariedade, de respeito, ou seja, de desejar um bem. Todas as hipóteses [porque nós substituímos uma hipótese por outra hipótese, porque também as nossas são hipóteses] de afastamento que me passavam pela cabeça não eram respostas adequadas e o mal-estar que continuava a advertir-me era um sinal claro. Com um olhar mais claro sobre mim, a hipótese da escola de comunidade (“O real solicita-me a procurar qualquer coisa de Outro”) surge-me completamente clara [e, então, uma pessoa começa a dar-se conta do valor daquilo que lhe está a ser proposto, porque quando vê que todas as tentativas que fez até então levam ao nada, uma pessoa começa a pegar nas instruções, a voltar àquela hipótese que um amigo, que já percorreu o caminho, me ofereceu]: uma verdadeira mão estendida em minha ajuda [isto é a escola de comunidade: uma mão estendida em minha ajuda]. Nos dias seguintes devia discutir sobre alguns doentes com esta minha colega e pude estar ali como se estivesse diante de um novo acontecimento, cheio de possibilidades, não bloqueada pela situação desagradável dos dias anteriores. Uma outra colega que estava no trabalho disse-me: “Hoje estás particularmente tranquila e paciente”. De facto consegui trabalhar juntamente ela sem aquelas fúria e irritação que - dizias em Rimini - conotam o sentimento de si quando o centro afectivo do Tu recai sobre si. Senti-me muito bem, muito livre, a aderir ao momento presente e não bloqueada por análises inúteis sobre os factos antecedentes. Vi também a outra colega um pouco mais livre [o outro liberta-se, o nosso contributo apenas será decisivo para o outro quando agimos assim, não é dando uma lição quando erra, libertando-nos, nós contribuimos para que o outro se liberte numa relação sempre possível], se calhar até para ela o sentimento de si mudou». Esta é a promessa, esta é a verificação de uma hipótese de trabalho ao alcance de qualquer um, não porque a vida te é poupada, não. Mas grande parte da dificuldade que temos, existe porque a modalidade com que normalmente nós entramos na realidade (as nossas hipóteses) sufocam-nos, fazem com que andemos zangados.

Quando uma pessoa percebe isto, começa com uma simplicidade, de mendicante, a levar a sério a hipótese que o carisma lhe oferece, e, então, começa a verdadeira verificação, então, começa o trabalho. É naquele momento que começa a estrada, a aventura do novo conhecimento. Eu pensava conhecer já o real, já tinha decidido o que era interessante e o que não era, o que era sinal, nós achamos que conhecemos, depois damos-nos conta que não conhecemos nada, que é o uso habitual da razão, que fazemos como todos diante de quem constantemente nos desafia. Por isto se nós não nos deixamos gerar por aquele que nos propõe isto, depois dizemos que não muda nada. Mas por que é que não muda nada? Porque nós não nos deixamos gerar (e depois atribuímos a culpa a todos os santos porque não muda nada). Cristo veio em resposta, tornando-se contemporâneo, e continua a acompanhar-nos dando-nos um carisma para que o nosso humano possa despertar na modalidade de enfrentar o real. A graça já está cá, só o divino pode salvar o humano – não é que nós o possamos fazer sozinhos, só o divino pode estar diante da realidade desta forma – a dimensão verdadeira, real, da figura humana e do seu destino. Nós podemos reconhecer todas as nossas exigências, sem nos assustarmos, e pô-las em acção apenas se Cristo permanece como uma experiência real no presente, se a inteligência da fé se torna inteligência da realidade. Esta experiência de Cristo agora permite-nos entrar em qualquer escuridão humana, com o uso total da razão (não continuando a olhar a realidade como antes e depois aplicando Cristo, porque se Cristo não nos introduz numa consciência nova da realidade, numa nova modalidade de olhar o colega, de olhar a situação, de olhar a circunstância, nós continuamos com o dualismo habitual, Cristo não introduz nenhuma novidade na vida e por esta razão, também para nós, no tempo, não será interessante).

Ontem, durante a hora de almoço do trabalho, como sempre, fui almoçar à esplanada do costume, só que ontem um senhor que nunca tinha visto parou e sentou-se ao meu lado. Eu percebi que queria conversar e eu dei-lhe espaço porque disse para comigo: “Se calhar desta conversa inesperada pode vir algum bem também para mim”. E ele pôs-se a contar-me um pouco todas as vicissitudes da sua vida: já não tem casa e perdeu o emprego, e todas estas coisas tremendas que aconteceram suscitaram nele uma grande desconfiança em relação à vida. E eu em primeiro lugar, porque me importava que ele percebesse uma companhia a esta sua necessidade perguntei-lhe se gostaria de tomar comigo um café para continuarmos a falar destas coisas e levei-o ao café onde costumo ir, sem me envergonhar de estar na companhia de um tipo um pouco desleixado, porque para mim ele era importante e aquilo que ele me dizia era como se fosse um grito, a sua necessidade era um grito que desafiava a minha segurança: “Como é que eu posso estar seguro mesmo sem ter vivido uma prova como a que ele vive, como posso estar diante de uma pessoa assim?” E percebi imediatamente que eu ali estava numa posição superficial, que podia, por um lado, dar-lhe uma pancadinha nas costas, se calhar, dar-lhe alguns euros e despachava-o assim, mas percebia imediatamente que isso não era adequado ao modo com que eu fui olhado na minha necessidade e percebi que ali eu estava a ser posto à prova se eu podia gastar o nome de Cristo na relação com ele ou se Cristo podia apenas responder às pequenas necessidades não excessivas que me cabe enfrentar no meu dia. Era a única resposta realmente adequada a ele e disse-lhe: “Olhe, digo-lhe que sou cristão. Não deve perder a esperança porque uma bondade imprevista pode acontecer na sua vida e mudá-la, e não lhe digo isto porque tenho emprego e uma casa onde viver, mas porque esta é a coisa mais verdadeira da minha vida”. Depois também cheguei ao ponto de dar-lhe alguma coisa, porque pensei que deve ser horrível andar aí pela cidade sem nada no bolso, mas isto nascia do juízo que tinha dado antes. E ele, ao

despedir-se (porque eu devia voltar ao trabalho), disse-me: “agradeço-lhe, fez-me bem, certamente será recompensado no futuro, se calhar um dia poderá voltar a ajudar-me”; eu disse-lhe: “E que sabe se não será o senhor a ajudar-me amanhã?”. Vinha-me à cabeça que talvez, apesar de todo o mal de que sou capaz, por um único gesto de caridade, será ele a abrir-me as portas do Paraíso.

E isto o que é que te fez aprender em relação à lição dos Exercícios?

Principalmente o facto de que aquilo que me arrasta são factos que acontecem e não discursos, porque eu todos os dias faço a Escola de comunidade sobre aquele bendito banquinho, mas percebi muito mais daquilo que tinha lido num momento em que não pude fazer Escola de comunidade lendo o livrinho, mas pondo-a em jogo na relação com ele.

Não acontece com um discurso, mas com a realidade que nos desafia.

E depois uma outra coisa que me impressionou foi que na tarde em que voltei ao escritório e depois à noite e esta manhã continuava a pensar nesta pessoa: como se terá safado, como estará? Mas isto gerava um bocado um peso sobre mim que não conseguia aguentar porque dizia para comigo: “Bolas, nem sequer lhe falei do Banco Alimentar”, descobria uma data de coisas em que tinha ficado aquém. Mas, mesmo falando disto com a minha namorada, ela ajudou-me a perceber que eu sozinho não sei sequer olhar para a minha necessidade nem responder-lhe sozinho, é apenas o divino que pode salvar o humano, eu sou verdadeiramente inadequado porque sou carente em todos os pontos de vista, mas misteriosamente...

De que coisa não te tinhas dado conta? Que a bondade imprevista estava em ti.

Parecia tão absurdo, porque se penso em mim, vejo-me incoerente; mas quis que fosse assim e eu simplesmente disse sim.

Deixou-te a ferida para ires ao fundo desta consciência.

De facto, aquilo que ficou desta história é o desejo de conhecer mais Cristo e de poder ser cada vez mais transparente, de modo que se uma pessoa me vê, vê Cristo mais facilmente. Como diziam as Laudes desta manhã: “[...] para que seja seguro o agir e claro o testemunho”, porque eu sozinho mergulho logo na confusão.

Obrigado.

Eu queria contar-te um facto que me aconteceu depois do regresso dos Exercícios da Fraternidade onde tu começaste logo por provocar chamando-nos a atenção para a Ressurreição. No grupo de Fraternidade a seguir aos Exercícios, retomando a tua introdução, eu tinha dito: “Eu não sei se no fundo acredito verdadeiramente”, sentia-me um pouco burguês nisto, e digo. “Sim, está bem, ok, encarnou, houve a cruz, depois...”...

Estão a ver? Esta é a questão: posso confiar nisto totalmente? Posso ter a certeza disto de modo a que não seja apenas devoto? Posso afirmá-lo como estou neste momento a afirmar que esta mesa à minha frente existe? E então?

E então aconteceu um facto particularmente dramático para mim, que me encostou à parede, porque pouco depois vim a saber através da minha mãe que tinha acontecido algo de grave em casa, mais grave do que o costume. Quando me contou fiquei um bocado assim-assim. A mãe tinha de ir trabalhar, e eu senti-me um pouco esmagada por esta circunstância, senti-me sufocar, mas não queria que este negrume vencesse sobre mim. Disse para comigo: “Agora eu quero ver a Ressurreição, quero ver se vence aqui e agora nesta circunstância”. Dado que me assaltava um pânico incrível, achava que não era capaz de libertar-me sozinha, peguei no telefone e liguei para uma pessoa que no último período, e sobretudo em Roma, tinha presente como alguém que me tinha testemunhado uma fé sólida e uma certeza, e então perguntei-lhe: “Mas como faço agora para voltar a casa?”. Instintivamente teria ido para casa gritar com o meu

pai. Falando com este amigo senti-me amada e abraçada naquele pânico. Com este olhar sobre mim consegui voltar a casa e perceber que a cima de tudo não devia complicar ainda mais a situação e que devia obedecer àquela circunstância e àquilo que o Senhor me estava a pedir, e não foi por acaso que lá onde parecia que abundasse a dramaticidade e o esquecimento começou a abundar mais a graça. E eu estava em casa sozinha com o meu pai. Comecei a dizer para comigo: “E agora?”; não sabia o que dizer-lhe porque tinha muito medo de recair na minha irritação com ele. Então comecei a rezar e a oferecer aquilo que se apresentava diante de mim, ou seja, que havia camisas sujas com duas semanas sem ser lavadas, que a casa estava toda por arrumar, e comecei a fazer as tarefas domésticas (porque a minha mãe estava ausente porque por motivos evidentes não as queria fazer) e a oferecê-las, mas sem esperar que ele me dissesse obrigado (de facto, não veio a acontecer). O que mudou foi que eu naquela circunstância, a partir de um inicial pânico e ânsia, dei comigo grata, quase como a sentir-me culpada: eles estão a auto-destruir-se e eu estou grata por um olhar assim sobre mim? Então dei-me conta que esta dramaticidade que eu queria eliminar era precisamente o modo com que o Senhor me fazia ver a Sua misericórdia por mim. Depois, de vez em quando, sinto que me escandalizo pelos métodos que o Senhor usa para me educar, eu queria eliminar este drama, queria resolver a minha vida, queria ter uma vida mais fácil, sem ondas, uma vida que fosse mais simples; mas esta graça não teria sido possível sem uma liberdade minha e sem a liberdade das pessoas que mo testemunham.

Então, sinteticamente, o que é que te fez ver que Cristo ressuscitou, o que é que te fez reconhecer em acção, que Cristo ressuscitou?

Que eu comecei a ver esta circunstância de um modo novo.

Um modo novo de olhar a realidade, sem isto tu terias ficado esmagada. Não é que a vida nos seja poupada, ou que todo o drama da vida seja resolvido com uma varinha mágica, aquilo que Cristo introduziu na vida com a Sua encarnação, morte e ressurreição foi uma novidade que nos permite viver tudo aquilo que é a vida, o drama da vida (porque podem acontecer todas estas coisas) com um olhar diferente sobre a realidade. Não é que uma pessoa deseje estas complicações, mas simplesmente não fica esmagado quando elas acontecem.

Eu percebo que a contemporaneidade de Cristo me volta a dar a capacidade de viver as relações, mas ao mesmo tempo – ponho-te a pergunta – em relação ao eu, parece-me que, no máximo, como tu dizias, estou suspenso numa plenitude, no sentido em que digo: «Senhor, se Tu és capaz de manter de pé estas coisas, salva também esta relação». Mas de vez em quando vem-me a dúvida que a distância vença.

Aquilo que dizes é verdade: uma pessoa não pode estar diante de uma exigência sem a contemporaneidade de Cristo. O problema é que nós, a maior parte das vezes, podemos reduzir essa totalidade, essa exigência a uma imagem, que, por isso, depois não se aguenta diante das coisas. Para além das formas, a exigência de totalidade da relação não se reduz. E isto é decisivo porque às vezes identificamos a totalidade com a imagem que nós nos fazemos da totalidade. Ainda bem que o Mistério não nos deixa sucumbir à imagem. E, por outro lado, quando sucumbimos à imagem, percebemos que não nos basta. Isto mostra-nos que para permanecer verdadeiramente numa atitude à altura das exigências é preciso mais que uma intenção, é precisa uma Presença de tal forma presente que me escancare e não me deixe sucumbir às imagens que eu faço da exigência.

Conto-te o que me aconteceu ontem à noite. Um amigo veio ter connosco e eu sabia que ele estava a passar grandes dificuldades no trabalho: tem um negócio, devia

reformular-se nos próximos meses, seis ou sete dos maiores clientes dele faliram, pelo qu'enão lhe pagam as mercadorias que lhe deviam e ele ficou a descoberto com a banca, que lhe diz: «Primeiro, tudo aquilo que puseste de parte, dás-me, depois, continuas a trabalhar até pagares a dívida». Ele chega e eu estava à espera que ele me contasse estas dificuldades. E ele diz: «Mas não fazes ideia que belo período tem sido este!» Eu pensei que ele me quisesse contar outra coisa qualquer. Mas diz «Estou a fazer um esforço terrível no trabalho (que se me esfarelou nas mãos), e este esforço deu-me a possibilidade de dar-me conta que o trabalho da escola de comunidade deste ano está dentro de mim, é meu: eu sou este trabalho. E apercebi-me disso porque, quando nos últimos meses apareceram as dificuldades, diante daquela circunstância dura, vinham-me à cabeça todos os factos deste ano...». E começa a contar-me uma data de episódios até que lhe vêm as lágrimas aos olhos e diz: «Eu dou-me conta que a maior graça que tive foi a possibilidade de participar na escola de comunidade do Carron através da transmissão directa, porque se o desmorerar-se do meu trabalho tivesse acontecido há um ano, eu teria ficado humanamente destruído» (e este é do movimento pelo menos há cinquenta anos). Conto um facto que ele me referiu: tinha um colaborador (que conhecia bem a situação), teve de o mandar embora, acordam uma saída livre (com um certo montante). No dia seguinte vai levar o cheque e o outro faz-lhe chegar a carta do advogado que o denuncia, e por aí fora. Todos os amigos e parentes lhe dizem: «Tu tens de o destruir, é inacreditável, sustentaste-o desde que ele era miúdo, apunhalou-te, tens de o combater!» Ele respondeu: «Eu hoje de manhã levei-lhe a carta de resposta do meu advogado – porque é o que se deve fazer, não se pode brincar – e quando o tive diante, não pude não querer-lhe bem».

Não pode não querer-lhe bem. Esta é a promessa para todos os que tomam a sério esta hipótese que recebemos, aquele ensinamento que nos foi entregue.

Escola de comunidade – Até ao final do verão prosegue-se o trabalho sobre o livrinho dos Exercícios e em Setembro retomamos o trabalho sobre “É possível viver assim?”, a partir de «O sacrifício».

No último Conselho Nacional com os responsáveis foi decidido continuar a ligação em directo à escola de comunidade como possibilidade para todos os que livremente (e sublinho o livremente) desejam participar. Retomamos em Outubro. Mais para a frente haverá indicações.

Férias - «As férias são o tempo da liberdade [...] O tempo em que vem ao de cima aquilo que verdadeiramente queres». Este juízo de D. Giussani surpreende-nos sempre porque nos faz dar conta, olhando-nos em acção, do que queremos no tempo “livre”, nas férias: se são uma dispersão ou uma ocasião para aprofundar aquilo que encontrámos.

Meeting - «Aquele natureza que nos faz desejar coisas grandes é o coração». O título do meeting deste ano faz-nos olhar para o facto que a nossa humanidade é aspiração e espera de qualquer coisa de grande. Isto não é um obstáculo ou uma coisa que complica a existência, mas é o sinal que o homem é relação com o infinito. Este é o ponto que todos os homens têm em comum e é também o início de um diálogo real com todos. Portanto, participando no meeting, ainda que seja só um dia, podemos ver isto documentado na realidade de hoje.

- Glória